

A construção social da perversão¹ 1

Carlos André F. Passarelli²

“Eu sou vítima dos cartazes e vítimas de vítimas de cartazes”

Jean Genet

O psicoterapeuta está a todo momento embrenhado nessa difícil tarefa que é a compreensão e a relação com o outro, diverso de si. A ciência positivista e a filosofia de subjetividade só dão como parcialmente de subsidiar a atividade psicoterápica, que é eminentemente intersubjetiva. Explicar a perversão de cada um, isto é, saímos de um pressuposto clínico, e o de chegada, já antevejo a partir de agora, é a construção social do fenômeno.

Freud, não nos esqueçamos nunca disto, era um fervoroso cientista, trilhando nos rumos da neurofisiologia e munido de quase todas as prerrogativas do objetivismo de sua época. Assim, a investigação psicanalítica da sexualidade esta permeada da tradição positivista da ciência e

1. Comunicação apresentada em 21/10/1995 no Núcleo de Estudos de Relações de Gênero e Minorias Sexuais.

2. Psicólogo graduado pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pós-graduando do Programa de Psicologia Social da PUC-PR, pesquisador do Projeto Bela Vista.

da arcaica e rigorosa educação judaica. Em *Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, nosso bom judeu não conseguirá romper com a casa dos horrores sexuais herdada de Kraft-Ebing, nem com os conceitos de anormalidade/normalidade oriundos do evolucionismo darwiniano, preconizando assim que a sexualidade no homem segue um curso progressivo, da perversão à saúde, em outras palavras, do anormal para o normal. Não é em vão que seu primeiro ensaio trata justamente das “*aberrações sexuais*”, a saber: as inversões sexuais, o bestialismo e as perversões. Por mais impregnados de preconceitos que estes conceitos estejam, não podemos deixar de admirar a grande sacada de Freud, isto é, que a origem do que se convencionou chamar de “sexualidade saudável” está nas vicissitudes da pulsão erótica, capaz de inverter e perverter seus objetos e objetivos. E, mais ainda, além de afirmar que toda normalidade contém em si uma anormalidade potencial e estruturante, ele desloca o ponto de partida da sexualidade.

Assim, contrário à crença reinante em sua época de que a sexualidade iniciava-se na adolescência, Freud observa que a infância não é tão imaculada como se pensava (e ainda de pensa) e que o sexo é um corte que se instaura nos seres humanos no momento da ruptura do cordão umbilical.

Ao colocar em pauta a “sexualidade infantil”, Freud opera um verdadeiro *tour de force* na ampliação do conceito de sexualidade, mostrando que a mais mistério entre o desejo sexual a sua satisfação do que sonham as possibilidades genitais. Ou seja, a sexualidade é muito mais que a conjunção entre um pênis e uma vagina, mesmo que, esta ainda seja a forma mais *saudável* (ou evoluída) de encontro sexual.

Mas quais os passos desta evolução?

Ao nascer, a criança dispõe de poucos recursos motores, perceptivos e expressivos para adaptar-se a este nada admirável mundo novo em que repentinamente foi colocada. Sua forma de relação com o exterior é mediada pelas sensações internas de prazer e desprazer, de satisfação e insaciabilidade, de conforto e desconforto. Assim, a fome, a sede, a dor, o sono são sentidos pelo bebê, atuando como excitação que era uma demanda, e a maneira como a mãe (ou uma figura substituta) supre ou não estas demandas instaura na criança sentimentos de prazer ou desprazer, que vão estruturando a realidade ao longo da vida.

A cada fase do desenvolvimento físico da criança temos um correspondente psíquico ou emocional. Nos primeiros meses temos uma excitação que se expressa em termos de oralidade. Isto é, na satisfação das necessidades de alimentação opera-se uma erotização da boca, que desta

3. FREUD, SIGMUND. Três ensayos para uma teoria sexual in *Obras Completas*. Madrid. Biblioteca. Nueva, 1981. v. 11.

forma. além de ser um órgão simplesmente para a introdução da comida, passa a ser carregado de significados às sensações de prazer e desprazer.

Estamos então no início do desenvolvimento emocional, denominada por Freud de *Fase Oral*, onde encontramos a origem de muitas atividades sexuais do comportamento adulto, tais como: o sexo oral, fumar cigarros e charutos, comer ou drogar-se, ou seja, atividade cujo o fim, entre outros, é a busca do prazer através da incorporação de algo ou alguém, desvinculada ou não de necessidades biológicas ou orgânicas.

Dentro do raciocínio evolutivo proposto pela teoria freudiana, observamos que esta fase (assim como a *fase anal*) será considerada por Freud como uma das formas de organização da vida sexual de status *pré-genital*, dado que a sexualidade, nesta primeira fase, está deslocada dos genitais para a boca. Nisto vemos a curiosa capacidade humana de extrair prazer de uma função fisiológica, processo este denominado por Freud de “*Teoria de Apoio*”.

A partir desta teoria, a psicanálise propõe a transcendência do psíquico em relação ao biológico, ou seja, o organismo com suas exigências impulsiona o sujeito a significar suas satisfações e perdas através de palavras, que vem de um Outro (a mãe, representante inicial da Cultura). Portanto, não é mais somente o leite quente que o bebê exige com seu choro infernal, mas é todo o estofo que o cerca, isto é, o bico do seio, os tapinhas nas costas, o colo doce e suave, os sons de uma voz produzindo frases enigmáticas e misteriosas, mas cheias de ternura ou dor, tais como, “*que bonitinho*”, “*não chora, não*”, “*gutcho-gutcho da mamãe*”, “*ai que moleque, pára de chorar*”, “*dorme, nenê, dorme*”.

No curso da vida, estas palavras ficarão como doces ou amargos ecos de um passado que jamais descola da carne; apenas são recalcados, e, quando voltam. explodem em discursos de ira e poder, em gozos pretensamente ilimitados ou em vozes que se calam diante da vergonha de um amor.

É na literatura que vou buscar os exemplos de tudo isto que a-ora descrevo, a partir de passagens do texto de Jean Genet, *Querelle*⁴, esperando que as palavras deste autor nos interprete e nos remeta aquilo que um dia fomos ou quisemos ser.

Descrevo agora, com a pobreza inevitável de qualquer descrição, a cena que acontece no quarto de Madame Lysiane-a dona do Bordel onde se passa grande parte dos acontecimentos desta trairia -, deitada com seu amante Robert, irmão de Querelle, o herói de nossa história. Lysiane está impressionada e intrigada com a semelhança os *dois irmãos*, semelhança está que não pode ser colocada em palavras pelos irmãos.

4. GENET, JEAN. *Querelle*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986.

Sempre tão distante, seu olhar subiu um pouco e, fixou-se na boceta peluda de Lysiane imóvel. Robert viu aquele tufo com nitidez; com nitidez pensou:

Sua moita, seu moitão.

Mas não abandonou a dupla e única imagem dele e do irmão. (p. 173)

Diante da monstruosidade representada pela fusão destes dois homens, Lysiane vai perdendo a pose de matrona, de dona de bordel:

O rosto não convencia mais. Não passava de uma mulher madura, sem maquilagem e sem beleza, mas transbordando de doçura, repleta por um longo tempo de reservas de ternura real contida, tremidas e que só pediam para escorrer no quarto, primeiro sobre os pés de Robert encantado, em ondas longas e quentes atravessadas de peixes sutis ou maliciosos. (...) A cena estava morta. Robert se aconchegou contra a amante. Ele não soube por um instante se era seu filho ou seu amante. Seus lábios imóveis não abandonavam a face ainda empoadada, onde rolavam lágrimas. (p.173)

A partir de então, a cena desdobrava-se num ato quase alucinatório, onde Madame Lysiane resolve, na tentativa de exorcizar o espírito de Querelle do corpo do seu amante, praticar um ato nunca antes por ela praticado. Parte para aquilo que ela considera a entrega máxima de uma pessoa ao ser amado.

... seu amor compreendera que ele próprio devia descer às épocas mais cavernosas, a fim de voltar aquele estado indeciso, protoplasmático, larvar a, fim de escorrer melhor entre os dois outros, depois misturar-se a eles como uma clara de ovo a outras claras de ovo. O amor de Lysiane devia fundi-la. Reduzi-la a nada, a zero, destruir então essa armadura moral que fazia dela tudo o que ela era e conferia-lhe sua autoridade. (...) Lysiane desceu mais ainda- Robert subiu... e, decisivo, imperioso e apressado, a empurrava com firmeza pelos ombros.

Muito desajeitada, Madame Lysiane chupou o amante. Engoliu a porra. (...) Quando o rosto de Lysiane emergiu dos lençóis, o dia entrava pelas cortinas mal fechadas. (...) Então ela soube de fato que tudo havia mudado pela primeira vez em sua vida, após ter feito amor - ter feito um macho gozar - ela não se lavava. (...) Ficou perturbada pelo insólito de tal situação, ficar deitada sozinha, na beira da cama, (...) enquanto Robert vai se lavar. O que ela iria lavar? Bochechar ou gargarejar seria risível após ter engolido a

porra. Ela teve o sentimento de estar suja. Olhou Robert lavar o pau, ensaboá-lo (...). Ela teve este pensamento cômico que não a divertiu:

Ele tem medo que minha boca o envenene, É ele quem solta o veneno e sou eu que o enveneno.(p. 174-5)

Aqui, vemos Madame Lysiane passando de mãe para mulher e de mulher para criança. Sua ira e ciúmes diante do amor entre os dois irmãos pedem uma prova de sacrifício que serve como aniquilamento e redenção simultaneamente. O amor da criança que suga o leite, aqui se transmuta num eloqüente jato de porra, que pede para ser engolida e assimilada, um leite que azeda e se transforma em veneno. O ato de chupar é reflexo deste imperioso desejo de incorporar o outro pela boca ao mesmo tempo em que nos aconchega nos braços da morte - êxtase estático. O sexo oral é vil e necessário. rebaixa para elevar a um estágio de não-ser e, denominados, dominados o gozo do outro. É o poder do humilhado.

Vejamos um outro exemplo, agora entre dois homens: uma cena entre Querelle e Mario, um policial.

Com a voz perturbada, quebrada, o policial acrescentou:

Me faz gozar. A raiva tomou conta de Querelle, que beijou Mário furiosa e desesperadamente, na boca. Com mais ardor e precisão que o habitual, exigiu ter consciência da penetração de sua garganta pela pica do tira. Mário sentia esse desespero. Ao temor que pairava acima de que o marujo, fora de si, cortasse seu membro com um golpe de mandíbula, o policial acrescentava pelo acúmulo de suspiro eróticos e de uma perigosa confissão, liberada sob a forma de gemidos ou de súplicas. Certo de que seu amante gozava por estar ajoelhado diante de um tira, Mario exalou sua ignomínia. (...) À medida que evocava sua abjeção, os músculos retesavam-se endureciam, impunham a Querelle uma presença imperiosa, dominadora, invencível e boa.

Quando, ficaram novamente face a face, em pé, abotoando-se, de novo homens, nem um nem outro ousou evocar o delírio... (p. 245-6)

Se um ou outro evocasse o delírio, ambos correriam o risco de assumir o prazer transformar em palavras um ato “que não ousa dizer o seu nome”, pois isto conferir-lhes-ia uma identidade que não suportariam carregar. Depois do gozo, o marujo e o tira são novamente homens. E antes, o que eram? Animais? Macho e fêmea? Respostas impossíveis, acredito, pois no momento em que a boca e o sexo se encontram, somos enviados ao que Genet denomina de estado protoplasmático, isto é, onde a biologia e a psicologia se amalgamaram num terreno tornado incerto pela Cultura, de onde as identidades foram banidas.

Assim, vamos percebendo que a psicanálise freudiana vai “*desnaturalizado*” a sexualidade humana. Fica difícil, depois dela, pensar em “*sexualidade normal*”, ainda mais se pensarmos no sexo como prática de incorporação do outro. A partir da sexualidade oral somos levados a pensar na indiferenciação comumente verificadas nos adultos *amantes*, definindo este não a partir dos sentimentos que portam (amor, paixão, ódio ou qualquer coisa que o valha), mas das práticas sexuais que exercem, onde o limite entre a dor e o prazer é tênue.

É no início do desenvolvimento psico-sexual que encontramos as origens de diversos comportamentos sexuais, confusamente chamados *perversos*. Isto é, estamos na base das práticas masoquistas, capacidade *demasiadamente humana* de extrair o prazer da própria dor. Trata-se de uma vontade de dominar, sujeitando-se. É o *veneno da porra*, pois, incorporada, aniquila o desejante com o seu próprio gozo.

Assim, dentro do raciocínio evolucionista da psicanálise, vamos construindo nossas vidas trazendo sempre como potencialidade estas *aberrações sexuais*.

Se a psicanálise pode revelar a construção de uma identidade sexual do sujeito chamada perversa, ao escolher a construção social da perversão como tema para esta apresentação, minha preocupação principal pode ser definida com a seguinte pergunta: afinal, para que serve a perversão, enquanto categoria clínica? Ou ainda, de que nos serve a identidade sexual? Não é necessário dizer que talvez estas questões não se encontrem respondidas ao final desta exposição, mas pelo menos espero que valha a pena estes devaneios.

Passemos, então, à definição, não como ela se encontra na clínica, mas tal como ela se apresenta no dicionário:

Verbete: perversão

[Do lat. *perversione*.]

S. F.

1. Ato ou efeito de perverter(-se).
2. Corrupção, desmoralização, depravação.
3. Alteração, transtorno.
4. Med. Desvio ou perturbação de uma função normal, sobretudo no terreno psíquico.

Perversão sexual.

1. Qualquer anomalia do comportamento sexual.
(grifos nossos)

O que nos chama a atenção nesta definição é a inclusão de um aderido, intitulado *perversão sexual*, sendo que no tocante à definição do termo na medicina, o autor já havia sublinhado o carácter psíquico do fenómeno. Então, por que enfatizar o aspecto sexual da questão, ou do termo? A resposta para isto vamos encontrar em Foucault, em sua história de sexualidade. Logo no primeiro volume desta coletânea de textos⁶, Foucault irá situar no final do século XVII, uma modificação na forma como os seres humanos encaravam o cuidado do corpo e o uso dos prazeres.

Segundo este autor, nesta época são cunhadas tramas linguísticas, que ainda hoje nos influenciam e orientam nosso modo de estar no mundo e, inclusive, de fazer ciência. Como sua brilhante *História da Loucura*, Foucault, na obra em que estamos nos pautando, vai nos mostrando como, no final do século XVII, nascem políticas de saúde coletiva onde a sexualidade passa a ter papel preponderante. Assim como o doente mental, categoria criada para dar conta dos parias do trabalho e do capital, surge uma verdadeira galeria de tipos sexuais, que vai desde o homem e a mulher que se unem sexualmente com a função reprodutiva, única finalidade da prática sexual para os moralistas desta época, até aos aberrantes seres que gozam com animais.

Talvez o pai desta categorização seja o alemão Kraft-Ebing, autor de um compêndio, que em tamanho pode ser comparado às Sagradas Escrituras, intitulado *Psicopatia Sexualis*, que pode ser resumido na seguinte simplificação: de um lado temos a grande maioria de homens e mulheres que relacionam-se sexualmente com pessoas do sexo oposto e do outro os perversos e fetichistas, que buscam prazeres sexuais com animais e coisas. No meio do campo, ou, para dizer as palavras de Jurandir Freire Costa⁷, no terreno sexual de ninguém, estão os invertidos, ou seja, aqueles que, apesar de se satisfazerem sexualmente com seres humanos, relacionam-se com pessoas do mesmo sexo.

Herdeira de Kraft-Ebing, a psicanálise vai dar um lugar ao homossexualismo, colocando-os junto com os perversos, diferenciando-os dos fetichistas. E aqui faço um parêntese, voltando ao início da minha exposição, quando versava sobre as origens perversas do desenvolvimento psíquico, a fim de mostra que o psicanalista, embora os lacanianos sejam uma exceção a esta regra, invocando o nome de Freud, desimplicam-se de seus pacientes orientados pelo mesmo sexo, abandonando a atenção flutuante, e postulam uma estrutura psíquica dita homossexual, que soma-se a histeria, à obsessão e à psicose. Há até aqueles que, em nome de uma sexualidade saudável ou normal, apregoam a impossibilidade de um sujeito homoeroticamente inclinado assumir a posição de analista, dado que não

6. FOUCAULT. MICHEL, *História da sexualidade (a vontade de saber)*, Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

7. COSTA. JURANDIR FREIRE. *A inocência e o vício - estudos sobre o homoerotismo*, Rio de Janeiro. Relume-Dumará. 1992.

permitiria ao analisando identificar-se com o protótipo de conjugalidade oferecido pelo casal parental.

Quando situo os lacanianos fora desta regra, é porque eles situam a homossexualidade fora do âmbito das psicoses. como fazem os Kleinianos, não acreditando na estrutura clínica dita homossexual, mas acabam por situá-la estrutura perversa, apesar de suas ressalvas a respeito de uma homossexualidade neurótica. No entanto, o que falha, no meu entender, nesta postura teórica, é a própria definição de perversão. Muitos dos tornados perversos pela teoria psicanalítica, passam pela mesma configuração, no nível do desejo, que um obsessivo ou um histérico. Basta ler, a título de exemplificação, no livro de Serge Andre⁸. *A Impostura Perversa*, principalmente nos capítulos onde aborda a suposta perversão de Mishima a de Genet, o equívoco teórico de perscrutar na obra de arte a sintomatologia psíquica de seu autor. O equívoco está justamente no fato de que a obra de um artista fala por si, ela não fala de seu autor, como quis Freud com Leonardo da Vinci⁹ - que, diga-se de passagem, o próprio Freud admitiu que era um obsessivo, e não um perverso, apesar de homossexual. Retomarei este tema mais adiante.

Fechando este parêntesis. vejo que coloquei a homossexualidade como foco de meu discurso. E advirto-os que este será o mote desta apresentação, isto é tentar entender por que a homossexualidade, dentro da clínica, oscila entre a perversão e psicose. A primeira resposta que tento dar é que, exposta aos mesmos percalços que a ciências positivista, a psicanálise não goza da pretensa neutralidade científica, e, desta forma, está sujeita as mesmas injunções que qualquer outra formação discursiva com relação a isto, o próprio Freud ao longo de sua obra, postula cinco formas de explicar a homossexualidade, formas contraditórias entre si. não conseguindo chegar a um consenso final. que vão desde o polimorfismo perverso, dos *Os ensaios sobre a teoria da sexualidade*, passando pelo narcisismo, pela passividade, pela hostilidade e pelo masoquismo de *Além do Princípio de Prazer*¹⁰.

Assim passo a analisar junto com vocês dois beijo na boca trocados entre homens tentando verificar onde se dá a perversão em relação a estes encontros de bocas.

O filme de Bruno Barreto a partir da peca “O Beijo no Asfalto” de Nelson Rodrigues inicia com uma bela imagem: durante os créditos, um lento zoom vai aproximando o rosto de uma menina que esta dentro do ônibus que atropelou um homem e que em seguida por outro foi beijado. Beijo na boca. A criança assistindo a este beijo no asfalto. Seu olhar interroga abre questões,

8. ANDRE, SERGE. *A impostura perversa*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

9. FREUD, SIGMUND. *Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci*, in *op cit.*, v. II.

10. Ver COSTA, JURANDIR FREIRE. Freud e a homossexualidade in *A face e o verso - estudo sobre o homoerotismo II*, São Paulo. Editora Escuta, 1995.

em contraponto ao “preconceituado” olhar dos personagens desta traição, que conduz o beijo a uma condição de crime o de ato delinqüente.

Ao debruçar-se sobre uma obra de arte, o psicanalista pode lançar mão destas duas formas de olhar. Ou seja, ele pode usar dos conceitos psicanalíticos e analisar a obra como um discurso/sintoma do artista, tentando assim encontrar a verdade do autor. Foi o Freud fez com Leonardo da Vinci em “*Uma Recordação da Infância*” (1910). Outro caminho, seria analisar o impacto que a obra provoca no discurso da psicanálise ou do psicanalista que a contempla, fazendo da contemplação uma relação transferencial. Ou ainda, transformando a relação sujeito/objeto numa troca entre dois sujeitos, dado que a obra fala por si. Este outro olhar, trilhado por Freud diante do *Moisés de Michelângelo*, (1913) é o que tento compartilhar nesta exposição. Trabalho difícil, pois trata-se de coloca-los como ouvintes de um discurso no qual eu estou implicado. É literalmente uma exposição, aqui mediada por dois textos de Nelson Rodrigues: “*O Casamento*”¹¹, romance inicialmente publicado em 1966 e “*O Beijo no Asfalto*”¹², tragédia carioca em três atos, encenada pela primeira vez em 1961.

E o que me causa impacto com leitura destes textos é justamente a forma como neles é abordada a questão da “exposição da intimidade” (isto a que assistimos por prazer e por ofício em nossos gabinetes de analistas), exposição daquilo que tem a ver com o sujeito - e somente com ele - mas que, através do olhar alheio, acaba por transformar-se em domínio público. São posicionamentos subjetivos - aqui representados por dois beijos - que caem na boca do povo e assim são descaracterizados no que diz respeito às suas intenções, codificados pelo imaginário social como gestos transgressores à ordem sexual vigente. Isto é, estes beijos, a que assistimos por intermédio dos personagens criados por Nelson Rodrigues, questionam e ameaçam a estrutura familiar e o comportamento sexual dito “normal”, que só pode ocorrer dentro das quatro paredes do quarto do casal. São beijos malditos.

O romance “*O Casamento*” principia com a sentença: “*Todo cana-lha é magro*”. Esta frase solta é ouvida por Sabino, o protagonista -ele um magro - que o faz pensar que os magros não podem amar nus ou no claro. Logo vemos que em Nelson Rodrigues não há acaso, ou, nas palavras de Sabino, “*não há coincidência burra*”, pois cada significante é logo captado por um ouvinte. remetendo-o aos seus desejos e frustrações. Sabino, apesar de magro, não é canalha, mas cumpre o destino traçado pelo pai no leito de morte que o seria “*um homem de bem*”. No entanto este desejo paterno que nada mais é do que uma interdição, acarreta em Sabino uma

11. RODRIGUES. NELSON. *O Casamento*. São Paulo, Companhia das Letras. 1993.

12. RODRIGUES. NELSON. *O beijo no asfalto*, in *Teatro Completo*, Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1990, v. 4.

impotência sexual com prostitutas. E por isto decide-se casar. Deste casamento nascem quatro filhas - quatro mulheres. Sabino busca uma explicação para isto. E nada melhor do que um ginecologista - um especialista em mulheres - para dar-lhe esta resposta. Dr. Camarinha- o ginecologista em questão - bêbado diz a Sabino: *“É mil vezes melhor uma filha puta do que um filho puto”*. Este enunciado, que Sabino interpretará como uma apologia do lesbianismo, é um alerta do médico pois, segundo ele, *“em Copacabana a pederastia pingava do teto, escorria das paredes”*.

As teorias deste médico bêbado, por mais insólitas que nos pareçam, merecem nossas considerações. Aliás, é um especialista quem fala. Para masculinidade e um alto senso de inteligência. Assim, a pederastia é a ruína do Brasil, que é formado por um povo jovem, macho e burro. *“A fome mata e não destrói. Mas a pederastia é a nossa autodestruição”*.

Estas colocações, até o momento, foram tiradas literalmente do primeiro capítulo do romance, que acaba com a reprovação de Sabino a isto que ele denominou *“o porre pornográfico do Dr. Camarinha”*, a conclui: *“qualquer um pode ser obsceno, menos o ginecologista”*. Faz sentido, pois o que temos é um pai atormentado pela idéia do defloramento da filha mais moça, um dia antes do casamento da menina.

Também esta recordação do porre pornográfico não é casual. Na realidade funciona como uma espécie de profecia. Às vésperas do casamento de Glorinha - a filha predileta de Sabino - ele é surpreendido pela notícia trazida pelo próprio Dr. Camarinha: o futuro genro fora visto pelo médico beijando um rapaz na boca. Na narrativa, esta cena é relatada pelo médico ao pai da noiva, sendo que o noivo não aparece, neste momento, diante do leitor ou de Sabino para justificar o seu ato. As palavras do noivo, bem como o seu beijo, estão na boca do médico que examina mulheres, que prontamente diagnostica o rapaz como *“pederasta”*. A partir da visão de um beijo entre dois homens configura-se uma identidade homossexual e, por tabela, uma doença, mesmo que o rapaz, ainda segundo o médico, tenha afirmado que havia sido a primeira e terá sido a última vez que isto ocorria em sua vida. *“Sou normal - sexualmente normal”*. Mas o beijo é imperioso em relação ao discurso.

A reação de Sabino diante das palavras do médico é o motor do romance e num certo sentido, desta minha exposição. Diz o texto: *“E o pior é que precisa falar (...) Estava sabendo que o genro é pederasta e precisava falar. Precisava falar e não tinha palavras, eis a verdade, não tinha palavras”*.

A partir de então, Sabino irá em busca das palavras que lhe faltam, compondo assim este romance instigante. As palavras de Sabino, ele irá encontrar no seu passado, na morte do pai em meios às fezes, nos seus casos extraconjugais, no quarto alugado para receber as amantes (em casa de família), na violação da sobrinha de treze anos durante um ataque epilético, numa experiência homossexual onde ele teria feito o papel de

“mulher”, isto é, receber o pênis, ao mesmo tempo em que escancaram de forma brutal o desejo incestuoso entre pai e filha.

Esta, por sua vez, na flor de suas dezoito primaveras, parece não se importar muito com o beijo do noivo na boca de outro homem, dado que seu desejo aponta para outra direção: Antonio Carlos, filho do Dr. Camarinha, morto num acidente suicida um dia depois de deflorá-la. O sangue não escorreu com a ruptura do hímen lavou de morte o amado.

Notamos que as flechas do cupido desta quadrilha rodrigueana apontam para todos os lados, mas, ao invés de ligar as pessoas, vão afastando-as de suas satisfações, colocando o desejo cada vez mais além do casamento. Glorinha sabe que não irá se casar com o homem que ama, assim como Sabino reconhece que Eudóxia, sua esposa, não é a mulher de seus sonhos.

Impressiona-me, tanto nestes textos como na totalidade da obra de Nélson Rodrigues, esta radiografia às avessas do desejo, que vai delimitando áreas onde esse não está ou acabou de passar, ao mesmo tempo em que, toda vez que ele - o desejo - se impõe, parece sempre estar às margens do casal conjugal e nunca legitimando-o enquanto relação de amor. Será criatividade delirante ou *a vida como ele é*?

Talvez por causa deste inconformismo do desejo em relação ao conforto doméstico o beijo do noivo na boca de outro homem, divulgado no seio familiar pela boca do ginecologista, aparece na trama como o retorno do recalcado, pois é ele que impulsiona os personagens a depararem-se com seus desejos mais íntimos. Claramente desviados, estes desejos assustam quem os carrega, exigindo a eleição de um bode expiatório, que neste caso vem a ser a homossexualidade, o desvio sexual por excelência. Assim se amaldiçoa o beijo.

Em escala maior, reproduz-se em “O Beijo no Asfalto” a exposição pública de um beijo trocado entre dois homens. É o beijo de Arandir na boca de um homem agonizante que acabara de ser atropelado por um ônibus. Ele diz: “O rapaz estava morrendo. Morrendo junto ao meio fio. Mas ainda teve voz para pedir um beijo. Agonizava pedindo um beijo. Toda cidade estava ali, espiando”.

A partir do beijo no asfalto, surgem as especulações: teria Arandir empurrado o pobre coitado para frente do loteação? Perplexo diante do interrogatório a que é submetido pela polícia, pela imprensa, pelos colegas da repartição, pela esposa, pela cunhada e pelo sogro, Arandir foge como um culpado, duvidando dele próprio de suas intenções com o beijo, tentando dar provas de sua masculinidade. Mas, ao fazê-lo, coloca-se cada vez mais, não somente como autor do crime passionai mas, principalmente, como praticante do “nefando vício da pederastia”.

As explicações de Arandir, como não são ou não podem ser escutadas, não dão conta de conter a expansão do fato jornalístico. Cria-se um relacionamento íntimo entre ele e o atropelado, toda uma história da qual ele não participou mas que é nela incluído como agente e parceiro.

Por que Arandir não consegue explicar o seu beijo, que, segundo ele foi um gesto de salvação? O beijo de Arandir é puro ato que, tornado público, é significado pelo imaginário social, imaginário este que já tem cristalizada uma ética sexual que compartimentaliza com rótulos muito fixos toda e qualquer prática de relação entre as pessoas, criando identidades que muitas vezes pouco ou nada tem a ver com os sujeitos.

Parece-nos impossível saber se Arandir é ou não portador de um desejo homoerótico, ou mesmo se ele é isto ou aquilo, pois, ele sendo ou não sendo qualquer coisa seu beijo já não mais lhe pertence e sempre será. Embora ninguém que não o desejo saiba bem ao certo o que este beijo seja. Confuso, confesso. Mas não poderia ser de outra forma, dado que estamos falando da própria confusão do desejo - esta desorientação sexual que permeia a galeria dos personagens rodrigueanos, para falarmos no lugar de um outro -do desejo que não se satisfaz com uma identidade, emblema de um estado permanente de enunciação "eu sou", mas que, insatisfeito, segue fazendo daquele que o reconhece em si um sujeito, no estado atemporal e evanescente do "*eu guero*".

No seu texto sobre "*O Beijo no Asfalto*", Hélio Pelegrino¹³ aponta para a projeção da homossexual idade dos personagens no gesto de Arandir. Quanto à projeção, não temos a menor dúvida. Mas o preferido fenômeno projetado não é tão claro assim. Em "*O Casamento*" e "*O Beijo no Asfalto*", a homossexualidade não é uma questão absoluta, nem para os *beijogueiros*, nem para os outros personagens, mas sim as possibilidades de prazer que se expressam fora dos outros personagens, mas sim as possibilidades de prazer que se expressam fora da ordem familiar. Estes beijos entre homens concentram tudo aquilo que o discurso da moral sexual relegou, perversamente, para o plano da anti-norma, do não-familiar, e que, em praça pública, estampados nos jornais, servem como tela onde o imaginário social se projeta. É um filme mudo, beijos sem palavras, beijos que não ousam dizer o seu nome, porque não se deixam totalmente dizer". Beijos não-ditos. Beijos malditos.

É interessante notar como Néelson Rodrigues desloca estes beijos para as *coxias*, onde o leitor/espectador não pode vê-los. Deles só ficamos sabendo da boca destes corifeus modernos: o reporter em "*O Beijo no Asfalto*" e o ginecologista em "*O Casamento*". Mais do que um simples

13. PELEGRINO, HÉLIO. *A obra e o beijo no asfalto*, in NELSON. RODRIGUES. *op. cit.*, 1990.

relato, o anúncio destes beijos trágicos é a exposição de intimidades forçadas, que sela o destino dos “beijantes” ao mesmo tempo em que sentenciava todos os personagens ao silêncio sobre o seu prazer. Afinal, não há como escapar à condenação enunciada alhures pelo próprio Nélson Rodrigues: “*Toda a nudez será castigada*”!

Há alguma saída? Nélson Rodrigues aponta para a morte, a estagnação ou o exílio. Arandir é assassinado pelo sogro que o amava (talvez o crime passionai que toda a imprensa ansiava desde o início da peça). O noivo e Glorinha se casam de forma bem convencional. E Sabino entrega-se a polícia como autor de um crime passionai, que ele não cometeu. Palavras do texto: “*Era feliz.*”. Quando Freud foi *mais além do Princípio do prazer*, causando um verdadeiro *mal-estar na civilização* dos bem-pensantes de sua época, ele estava diagnosticando esta trágica associação que Nélson Rodrigues não cansou de descrever: sexualidade e morte estão de mãos dadas, beijando-se no asfalto.

Uns pensam que tal destino é inexorável e tem a ver com a natureza deste lobo em pele de cordeiro, chamado *homem civilizado*. Mas uma outra leitura da psicanálise leva-nos a ver que este estado das coisas é resultado da capacidade humana de transcender à natureza e criar interdições, que impeçam o gozo com a morte (a própria ou a do outro). Estas talvez sejam necessárias, mas quando começam abarcar beijos muitas vezes inofensivos, devemos perceber que estamos construindo uma civilização no mínimo neurótica. se perversa lhes parecer muito forte.

É na leitura que fazemos destes beijos que encontramos uma verdadeira trama perversa. ou seja, a perversão não esta no relacionamento afetivo sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas na atitude ideológica do observador, seja ele o analista com seu paciente, ou um passante que vê um morto sendo beijado por outro homem. Muitas vezes compactuamos com discursos totalitários sobre a sexualidade alheia, como aqueles proferidos pelo Dr. Camarinha e pelo reporte do beijo no asfalto, elaborando convicções e interpretações em cima de beijos que não vêm de nossas bocas. Mas um dia será possível pedir um beijo àquele(a) que se ama, cantando com Louis Armstrong: “*give me kiss to build a dream on*”.